À MARGEM DO ÓBVIO.

Austeridade e rigor. A escultura impõe sua verdade. A forma circula interfere no espaço, impõe ao olhar do homem a aparência do seu próprio lugar. Idolatra seus heróis, justifica a sua ideologia. Esclarece o óbvio.

Liberdade e prazer. A escultura interna a divisão a partir do banal. A ocorrência deste objeto provoca ao olhar a interrogação do espaço. Do ser presente, ~~no~~ local, ação. Recriar o óbvio.

A escultura é papel. Dobrar, fazer, amassar, largar. Carlo ~~interpreta~~ atua no simples, na evidência. Diante de qualquer de seus trabalhos qualquer um há de se ~~perguntar~~ comentar: eu já vi isso, eu já fiz isso, isso é meu. O artista inventa; tudo isso é projeto, papel. O projeto dispensa o desenho, o projeto é papel. As colunas do Almeida, a tangência do óbvio.

A escultura não roa, prova é livre. Ele se faz pela ausência do sentido, presença de rasgos. Um envelope encerra uma mensagem, interna o conteúdo. ~~A escultura~~ o trabalho como envelope, aberto e fechado, ~~[illegible]~~ mensagem total como a de um ~~[illegible]~~. A ~~subversão do óbvio~~ mensagem decodificada, presença incômoda de um ~~[illegible]~~ bilhete desenhado. A subversão do óbvio.

Tudo isso, por que? Nesse mar de pintura, fundo, tipo, parede, gesso, ~~[illegible]~~ na tela, matéria, ~~[illegible]~~ polido, concreto. Carlo propõe trazer o real, ~~[illegible]~~ ar. O óbvio ~~interpretado~~ como lema. Reelaborando o vasto repertório formal, considero que não entender a óbvia situação de inventar desses trabalhos é não aprender à obvia tradição formal moderna. Analíticos e conceitual, foi a linguagem do cidadão. Toda a nossa história se baseia no projeto, no papel. Carlo cultiva, cultiva, ~~[illegible]~~ no canteiro de obras. E todos esses trabalhos têm por base, o que? O papel. Como é tão óbvio...